

**SOCIODIVERSIDADE ÉTNICA, LINGUÍSTICA, E CULTURAL ENTRE OS
POVOS INDÍGENAS NO PANTANAL DO SÉCULO XVI**

JOÃO FILIPE DOMINGUES BRASIL*

RESUMO

O presente artigo aborda a sociodiversidade étnica, linguística e cultural entre os povos indígenas que ocuparam no século XVI a região hoje denominada como Pantanal. O objetivo principal é contribuir no entendimento sobre a etno-história da região, analisando as características acima citadas dos povos indígenas que se estabeleceram na região pantaneira em tempos anteriores à chegada dos conquistadores ibéricos. Busca-se dessa maneira, através da metodologia étno-histórica, lançar luz a uma importante parte da história da região do Pantanal que é muitas vezes ignorada na historiografia brasileira e regional.

Palavras-Chave: Etno-história; Pantanal; Povos Indígenas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A região do Alto Paraguai, representada na cartografia do século XVI como *Laguna de los Xarayes*, é denominada desde o século XX como Pantanal Matogrossense, apesar de abranger pequena parte ao oeste do Paraguai e sul Bolívia.

A partir de 3 mil anos atrás, quando as condições ambientais da região começaram consolidar-se, a grande sociodiversidade étnica existente no curso do Alto rio Paraguai passou a tomar a forma de culturas indígenas. Desde essa época, até o momento anterior ao contato com os europeus, formaram-se diversas culturas, filiadas a troncos linguísticos, formando um diverso mosaico cultural na Região. Susnik (1978) aponta que pelo menos duas ondas migratórias, anteriores à chegada dos europeus na região, advindas da Amazônia e do Chaco, interferiram diretamente nessa formação.

* Mestrando pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Bolsista CAPES.

Essas culturas, ou povos², foram retratadas em documentações produzidas a partir do século XVI pelos oficiais ibéricos, e ao longo dos séculos seguintes pelos clérigos jesuítas e franciscanos, corroborando posteriormente com as investigações arqueológicas e etno-históricas, demonstradas em parte nesse trabalho.

Podemos admitir que “las áreas altoparaguayense y surparanaense representaban dos núcleos en pleno proceso de adaptación culturoambiental, constituyendo en los comienzos de la conquista hispana un verdadero complejo étnico con la manifiesta neolitización cultural de los canoeros-pescadores-cazadores” (SUSNIK, 1978, p. 9-10). Podemos indicar a existência de seis famílias linguísticas no Pantanal do século XVI, sendo elas: Arawak, Guaikuru, Tupi-Guarani, Zamuco, Jê e Guató (as duas últimas vinculadas ao tronco Macro-Jê). Filiadas a cada uma dessas famílias existiram algumas culturas, ou povos, que abordaremos no decorrer do capítulo.

Cabe ressaltar que a pesquisa não tem por finalidade um estudo linguístico. Por motivos metodológicos foi essa a forma de classificação escolhida para se trabalhar com os aspectos etno-históricos dos povos indígenas que ocupavam o Pantanal quando ali chegaram os espanhóis, no século XVI. Passemos a investigação.

FAMÍLIA ARAWAK

Iniciaremos nossa investigação sobre a sociodiversidade indígena no Pantanal do século XVI com os povos vinculados à família linguística Arawak. Os principais representantes dessa família linguística no curso do Alto Paraguai do século XVI eram os “Orejones”, os Xaray, os Chané e os Chiquito. Contudo, Combès (2010), analisando as obras dos cronistas ibéricos do século XVI, indica a existência de diversos outros povos ou parcialidades vinculadas à essa família linguística, sendo eles: Arencoçi, Ariticoçi, Aygua, Cayguarare, Ortues, Paresi, Quibaracoçi e Siberi. Por haver pouca literatura disponível sobre esses últimos, deter-nos-emos na descrição dos quatro primeiros povos assinalados.

Eremites de Oliveira (2014a) e Susnik (1978) indicam que os povos filiados a essa família linguística migraram em tempos pré-coloniais para o Pantanal, estabelecendo-se principalmente nas terras altas.

² Utilizar-se-á “povos” para designar as comunidades indígenas no trabalho por estar em maior consonância com a literatura etnográfica e historiográfica em curso.

Em relação aos “Orejones”, ao que tudo indica, “el apelativo fue dado primeramente al grupo tribal que se asentaba em una isla, formada por dos brazos del R. Paraguay, si bien sus habitantes aprovechaban asimismo la orilla occidental para sus sementeras, el nombre se debe a la práctica de notable distensión de los lóbulos” (SUSNIK, 1978, p. 25). A mesma autora indica que “el término “Orejones” refiérese a varios grupos tribales que en el siglo XVI tenían su habitat al norte de los Guasarapos³ hasta las lagunas Mandioré, Gaiba y Uberaba” (SUSNIK, 1978, p. 24-25).

Devemos admitir que “Orejones” não se tratava de um único povo homogêneo. Susnik (1978, p. 25) observa que nas fontes seiscentistas “se mencionan con frecuencia tres tribos: Sacocis (Suracucis, Socorinos, Sicocis), cuyo habitat comenzaba a unas 90 leguas al norte de los Guasarapos del Rcho. Aracuay, Xaqueses (Xaquetes) y Arianocosis (Arienes), el grupo norteño de la Laguna Gaiba”.

Tais tribos “Orejones” apresentavam *ethos*⁴ agricultor e forneceram muitos mantimentos aos espanhóis, segundo relatos dos mesmos. Tal informação corrobora com a ideia da migração desses povos em tempos pré-coloniais da região amazônica para o Alto Paraguai.

Passando à investigação sobre os Xaray, lembremos que, como demonstrado anteriormente, esse povo cedeu o nome a uma localidade que no século XVI representava cartograficamente a região pantaneira, a *Laguna de los Xarayes*.

As características etnográficas do povo Xaray, que indicam a existência de uma complexidade socioeconômica, impressionaram os europeus no século XVI. Assim como os “Orejones”, apresentavam *ethos* agricultor, migraram em tempos pré-coloniais para a região do Alto Paraguai e abasteceram com muitos mantimentos os espanhóis durante as viagens desses, rio Paraguai acima.

As aldeias dos Xaray eram numerosas e, segundo Combès (2010, p. 318-320) estavam distribuídas de sul a norte ao longo da costa do rio Paraguai, respectivamente da seguinte maneira: Cayça, Guaya, Camire, Vretobare, Perobazanes, Siberis, Yereroruni ou Yeritoruni (Manaçi), Aucu (Yaguare), Vacayucure ou Caçayucuri, Baçayucure (Yutaeri Yquemiechiriba Yaguare), Bayuatari ou Baybatri (Ybichicayri ou Ybichicayre), Utcate (Eguare e Ybichicaure

³ Retomaremos análise desse povo indígena posteriormente.

⁴ 1. [Sociologia] Conjunto dos costumes e práticas característicos de um povo em determinada época ou região. 2. Conjunto de características ou valores de determinado grupo ou movimento. “*etos*”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://priberam.com/dlpo/etos>.

ou Ybichicayre), Uribaracanay ou Vrebarasanay e “Povo Perabaçan” (Vratabare, Guare ou Yaguare e Chiechiriba).

Todos esses nomes foram recolhidos de documentações coloniais, o que torna difícil precisar a localização, e até mesmo se tratava-se propriamente de aldeias ou de nome de “principais”⁵.

Passando a tratar dos Chané (Guaná), devemos admitir que tal povo, assim como “Orejones” e Xaray, migrou em tempos pré-coloniais da região amazônica para a região do Chaco e Pantanal, apresentando *ethos* agricultor. Sua chegada ao Chaco deu-se primeiramente na região Sub-andina, próximo a Santa Cruz la Vieja e ao habitat dos Gorgotoqui⁶. Por meio de contatos interétnicos, principalmente com os Guaraní do Itatin, e do começo da “conquista” naquela região, migraram para próximo do Puerto de los Reyes, ao que tudo indica junto a expedição de volta de Aleixo Garcia⁷ (SUSNIK, 1978; COMBÈS, 2010).

Os Chanés localizados próximo ao Puerto de los Reyes foram denominados Layanás e “constituían la principal tribu chané que tuvo el contacto con los expedicionarios asunceños del siglo XVI” (SUSNIK, 1978, p. 109). Podemos observar que “la estructura socioeconómica de todos los Chanés se basaba em el cultivo, pero fueron especialmente los Layanás, quienes disponían de mejores tierras y buenas lagunas chaqueñas” (SUSNIK, 1978, p. 109-110).

Apesar dessa característica, ao contrário do que aconteceu com os “Orejones” e os Xaray, o principal atrativo da relação entre os Chanés (Layanás) e os espanhóis eram as “notícias” que estes detinham sobre os metais preciosos de “terra adentro”, da região a oeste do Pantanal, apesar de também terem abastecidos os europeus com mantimentos. Os Layanás, ao que tudo indica, mantiveram estreitas relações com os Xaray, desenvolvendo a exemplo desse povo certo grau de complexidade sociocultural. Como comentado acima, mantiveram também contatos interétnicos, propriamente de escaramuças e vassalagem, com os Guaraní e os Guaikuru. Contudo, podemos pontuar que utilizavam essas relações como forma de resistência e manutenção de sua cultura no complexo ambiente pantaneiro. Nos séculos subsequentes os Chané (Layanás) darão origem aos povos Echoaladi, Kinikinao e Terena, sendo os últimos dois

⁵ “Principais” seriam os “chefes” das aldeias, ou caciques. Deu-se preferência para a utilização de principais no trabalho por estar em maior consonância com a utilização na literatura pesquisada.

⁶ Para melhor compreensão desse povo indígena veja Combès (2010, p. 149).

⁷ Retomaremos tal expedição no próximo capítulo.

ainda conhecidos, localizados atualmente na região da Serra da Bodoquena e Aquidauana, respectivamente (SUSNIK, 1978; EREMITES DE OLIVEIRA, 2002; XIMENES, 2009; COMBÈS, 2010).

Abordando finalmente o povo Chiquito, observamos que eles cederam nome a uma região conhecida como Chiquitania, que se entende pela “área que se extiende desde la provincia de Xarayes hasta la provincia de Sta. Cruz de la Sierra, recorrida por los Españoles em el siglo XVI y antes, o simultáneamente por los emigrantes guaraníes” (SUSNIK, 1978, p. 34). Contudo, o apelativo Chiquito “se trata, primero, de la traducción española de uma palavra guaraní; y, segundo, de um nombre genérico, que se transformó por pocos años em el nombre específico de un grupo (los tivosicocis)” (COMBÈS, 2010, p. 128). O povo Chiquito era formado por diversas tribos ou nucleações advindas do nordeste do Chaco em migrações pré-coloniais, e se localizavam a noroeste do Alto Paraguai, em uma região que, conforme demonstrado acima, localizava-se entre o Alto Paraguai e Santa Cruz la Vieja, e que foi percorrida desde tempos pré-coloniais por diversos povos e pelos europeus a partir do século XVI.

Susnik (1978) divide a Chiquitania nas zonas “*norchiquitana*”, “*Chiquitana*” e “*surchiquitana*”, ou em setentrional, central e meridional, respectivamente. A zona que corresponde ao Pantanal, ou Alto Paraguai, é a setentrional, na qual ocorreu o “manderecó” Itatin Guarani em tempos pré-coloniais, estando ali assentada no século XVI a nucleação Guarani Guarambareense, em escaramuças constantes com os “Orejones” e Xaray localizados a leste da região. A tribo dos Chiquitos localizada na região seria a dos Saravecas, que “ocuparían las tierras desde las nacientes del R. Guaporé hasta la periferia de los “Orejones”, concentrándose luego al norte sobre el medio R. Paranaguá” (SUSNIK, 1978, p. 36). Segundo a mesma autora essa tribo apresentaria traços culturais dos Paressi-Arawak matogrossense, sendo difícil identificar seu *ethos*.

Para colocar uma vírgula na investigação sobre os povos de língua Arawak que ocuparam a região do Alto Paraguai no século XVI, visto que a execução de pesquisas etno-históricas sobre a região ainda pode lançar luz sobre questões não abordadas no presente trabalho, observamos que a ocupação desses povos desde sua chegada na região chaquenha e pantaneira, deu-se preferencialmente nas bordas das lagoas e nas terras altas, lugares que favoreciam o cultivo, visto que eram povos de *ethos* agricultor. Mantiveram intensas relações

interétnicas na região antes da chegada dos europeus e também com esses a partir do século XVI. Passemos agora à investigação sobre a família Guaikuru.

FAMÍLIA GUAIKURU

Para começarmos nossa investigação sobre os povos indígenas no Pantanal do século XVI vinculados à família linguística Guaikuru, podemos inferir que

Bajo el nombre “Guaycurú” entiéndese hoy una extensa familia lingüística que incluye varias tribos, todas racialmente pámpidas y culturalmente peleolíticas, con el abierto ethos de cazadores agresivos, ocupando con preferencia las llanuras del Chaco o adueñándose del R. Paraguay: Eyiguayegi-Mbayáes, Tobas, Abipones, Movovíes, Pilagás, Payaguáes y Guasarapos (SUSNIK, 1978, p. 72).

Sobre os povos acima citados, deter-nos-emos aos Eyiguayegi-Mbayáes (Mbayá-Guaikuru), Payaguá e Guasarapo (Guaxarapo), que ocuparam no século XVI a região do Alto Paraguai, nosso foco de investigação. Os outros povos filiados à família linguística Guaikuru, sendo eles, Tobas, Abipones, Movovíes, Pilagás, além de Yapuríes, Naperíes, Guatatáes e Huemes, estabeleceram-se desde tempos pré-coloniais nas demais regiões chaquenas, inclusive próximos de Assunção, em ondas migratórias advindas do sul para o norte da região, visto que apresentavam características dos pampas (SUSNIK, 1978).

Tratando dos Mbayá-Guaikuru, esse povo ficou conhecido na historiografia como “índios cavaleiros”, resultado da incorporação e destreza na utilização de equinos em sua cultura, após a chegada destes com os europeus no século XVI. Eremites de Oliveira observa que apesar dessa característica ter sido historicamente ressaltada, “há muitos documentos que comprovam que eles não deixaram de utilizar canoas como meio de transporte durante as cheias” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 252), característica imposta pelo marcado pulso de inundação⁸ do ambiente pantaneiro.

Os Mbayá-Guaikuru apresentavam *ethos* caçador-guerreiro (SUSNIK, 1978). Durante o século XVI eram os índios mais temidos pelos europeus e também pelos Guarani, que conforme comentado anteriormente mantinham relações hostis com eles. Tal povo significou um entrave nas expedições europeias no Alto Paraguai, impondo resistência e até mesmo realizando

⁸ “Fenômeno de enchentes estacionais, resultado da associação entre relevo e distribuição de chuvas periódicas no alto Paraguai” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 169).

ataques e saques contra os europeus, já com a utilização dos cavalos. Tal circunstância motivou expedições europeias de guerra e conquista contra os Mbayá, que serão abordadas no próximo capítulo. Por esses motivos, esse povo ficou também conhecido historicamente como “índios guerreiros”.

Passando a tratar dos Payaguá, diferentemente do Mbayá esse povo apresentava *ethos* canoieiro. Conhecido na historiografia como “senhores do Rio”, ao invés de adotarem o uso de cavalos, como os Mbayá, impunham-se no “curso do rio Paraguai, desde sua foz até o Pantanal, pela utilização de canoas. Mas seu comportamento para com os vizinhos era semelhante ao dos guaicurus cavaleiros, combinando comércio, raptos, saques, indenizações pela devolução dos raptados” (MELATTI, 2011, p. 1-2). Entretanto, devemos pontuar que “é errôneo pensar que desde tempos pré-históricos os Payaguá foram *donos*, por assim dizer, do rio Paraguai e, por extensão, da região pantaneira” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 255), pois, não chegaram a estabelecer-se em todo o curso do Alto Paraguai e vários eram os povos que também impunham e defendiam seus domínios territoriais.

Acompanhando a movimentação territorial pré-colonial de povos de língua Guaikuru, as investigações arqueológicas realizadas até o momento indicam que os Payaguá, assim como os Mbayá, migraram de sul a norte na região Pantaneira. No século XVI, os Payaguá, “divididos em dos grupos subtribais, tenían la conciencia sociopolítica tribal basada en la identidad de la lengua y en la obligatoria reciprocidad de visitas interparciales, éstas a veces dentro del interés competitivo” (SUSNIK, 1978, p. 96). Esses grupos foram denominados de Agace, na parte meridional do Chaco, e Sarigué-Payaguá, na parte setentrional, ou curso do Alto Paraguai. Percebemos com a afirmação acima que essas parcialidades tribais dos Payaguá não estavam isoladas e mantinham relações de reciprocidade uma com a outra, além de inúmeros contatos interétnicos com povos vizinhos. Tal fato corrobora com a ideia de não pensarmos os povos pré-coloniais da América como sociedades simples, e sim as percebermos em toda sua complexidade.

Apesar dos Payaguá serem um povo canoieiro, tendo esse instrumento fundamental importância em sua cultura, assim como outros povos canoieiros do Alto Paraguai mantiveram assentamentos estacionais geralmente situados em rios menores, afluentes do rio Paraguai, o que influía nas relações interétnicas (SUSNIK, 1978, 1996). A subsistência dos Payaguá, além da grande importância que a pesca apresentava para um povo canoieiro, foi marcada pela caça, como de jacarés e lontra, por exemplo, e exploração dos recursos ambientais, como o arroz-do-



pantanal, o que demonstra que “nem todos os recursos disponíveis nos ambientes chegaram a ser explorados pelos povos indígenas” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 255).

Antes da chegada dos Payaguá no Alto Paraguai, os Guaxarapo (Guasarapo) já haviam penetrado a região, conforme aponta Susnik (1978), e com esse grupo terminaremos nossa investigação sobre os povos vinculados à família linguística Guaikuru.

Apesar de poucas referências historiográficas, os Guaxarapo foram retratados no *Comentários* de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, obra que será abordada no próximo capítulo, e que permite inferir que no século XVI esse povo manteve diversas relações amistosas com os Guató e receosas com os Guarani e os Payaguá. Seu *ethos* seria canoeiro e, assim como os Payaguá, tinham assentamentos sazonais no curso do Alto Paraguai (CABEZA DE VACA, 1555; SUSNIK, 1978; EREMITES DE OLIVEIRA, 2002).

Terminamos assim nossa investigação sobre os povos indígenas vinculados à família Guaikuru no curso do Alto Paraguai no século XVI. Passemos à investigação sobre a família Tupi-Guarani.

FAMÍLIA TUPI-GUARANI

Os povos filiados à família linguística Tupi-Guarani começaram sua dispersão pela América do Sul em tempos pré-coloniais, alcançando o litoral e o sul do Brasil antes da chegada dos europeus. Podemos observar que “a grande expansão geográfica das línguas Tupi não está associada à antiga dispersão Macro-Tupi, e sim à explosão que ocorreu com a expansão da família Tupi-Guarani” (URBAN, 1992, p. 92), há 2 ou 3 mil anos AP, aproximadamente.

O povo vinculado a essa família que ocupava, entre outros locais, o Alto Paraguai, eram os Guarani. Nessa perspectiva, podemos admitir que

Do Chaco até o Atlântico, das capitânicas do Sul até o rio da Prata, a presença guarani abrangia, no século XVI, uma imensa área que hoje inclui os estados brasileiros de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, além de partes dos países vizinhos. Contudo, apesar do quadro sugerido pelas primeiras fontes escritas, os Guarani – conhecidos na época como Carijó ou Cario – não ocupavam esta vasta região de modo homogêneo ou exclusivo. A maior parte dos grupos locais encontrava-se nas florestas tropicais e subtropicais, ao longo do litoral e entre os principais rios do sistema Paraná-Paraguai (MONTEIRO, 1992, p. 476-477).

Apresentando *ethos* agricultor, em seu modelo de ocupação, os Guarani “no formaban núcleos con una multipoblación aldeana que de por sí exigiría una superproducción económica y una propia estructura sociopolítica” (SUSNIK, 1979-1980, p. 15). Dessa maneira, os Guarani realizavam uma ocupação heterogênea do terreno, dividindo-se em nucleações étnicas. No Alto Paraguai, as nucleações Guarani eram as Guarambarenses e Itatim. Pela análise das fontes torna-se difícil precisar se tais nucleações são nomes de caciques principais, ou conforme demonstrado acima, de xamãs.

Os Guarani foram os principais interlocutores dos europeus no Pantanal do século XVI, talvez por estarem em contato com eles desde Santa Catarina, com os Carijós, passando pela região do Prata até chegar à Assunção, com as nucleações dos Cariós. As crônicas dos conquistadores permitem considerar o quanto eles se impressionaram com as provisões que as nucleações Guarani detinham, e também com o grande número de indivíduos que as habitavam, apesar da consideração anterior de que o tamanho dessas nucleações era limitado, visto a incapacidade que teriam de garantir a subsistência de uma grande população, já que os recursos poderiam ser limitados.

Como os Guarani eram o povo mais próximo dos europeus, a empresa da conquista partindo de Assunção atingi-los-á primeiro. Esse fato gerou focos de resistência Guarani, pautado, sobretudo, na questão religiosa-xamânica. Não é raro na historiografia o relato de resistência Guarani contra os europeus, também nas nucleações Guarambarenses e Itatim, inclusive com convocação à luta partindo de caciques principais (SUSNIK, 1979-1980; COMBÈS, 2010). Terminamos assim nossa investigação sobre a família Tupi-Guarani no Alto Paraguai. Partiremos para a investigação sobre os povos vinculados à família Zamuco.

FAMÍLIA ZAMUCO

Os dados sobre os povos vinculados à família Zamuco no Pantanal do século XVI são escassos. Susnik (1978, p. 58) indica que “los datos históricos sobre los Zamucos datan recién de la primeras décadas del siglo XVII” e que “el único dato del siglo XVI se debe a la declaración de Juan Picón, quien habla de la “provincia de los Morotocas” al sur de Sta. Cruz la Vieja”. O povo vinculado à família Zamuco no Pantanal do século XVI seriam os Chamacoco, existentes no Paraguai até os dias atuais, e que ocupavam todas as zonas da região Chiquitana.

Devemos admitir que “los Zamucos son básicamente pámpidos, pero con variantes físicas y psicológicas que confirman mestizamientos intertribales prehistóricos” (SUSNIK, 1978, p. 61). Com os dados disponíveis torna-se difícil precisar o *ethos* dos Zamuco do século XVI. Consideremos que, como os demais povos do Pantanal, não abandonaram práticas ligadas à pesca e caça, impostas pela região. Pelo fato de terem sido dominados pelos Chiquitos, conforme aponta Susnik (1978), parece não ter sido guerreiros, nem praticado agricultura.

Por ora, essas são as considerações que as fontes permitem fazermos sobre os Zamuco no Pantanal do século XVI. Passemos à investigação sobre os povos vinculados ao tronco Macro-Jê.

TRONCO MACRO-JÊ

Os povos vinculados ao tronco linguístico Macro-Jê, que se formou há 5 ou 6 mil anos AP aproximadamente, ocupam desde tempos pré-coloniais a parte oriental e central do que hoje é o planalto brasileiro. Em relação à família Jê, devemos observar que ela “representaria um ramo relativamente recente, que se separou há uns 3 mil anos ou mais” (URBAN, 1992, p. 90) do tronco Macro-Jê.

No tocante à família Guató, observamos que sua inclusão no tronco Macro-Jê por Rodrigues (1986) é uma hipótese, amplamente discutida por Martins (2011), que a valida. Apesar das dissensões em relação ao assunto, vincularemos a família Guató ao tronco Macro-Jê no trabalho por ser a hipótese corrente mais aceita. Sigamos à investigação.

FAMÍLIA JÊ

O povo vinculado à família linguística Jê no Alto Paraguai do século XVI eram os Bororo. Sobre esse povo, podemos considerar que

Os Bororo Cabaçais e os da Campanha, também conhecidos como Bororo Ocidentais, de acordo com os dados etnográficos disponíveis, ocuparam amplas áreas no trecho setentrional do Alto Paraguai. Os Cabaçais ocupavam as duas margens do rio Cabaçal, área ao norte do rio Jauru, os campos da Caiçara na altura de Cáceres, e os campos de Descalvados entre o rio Paraguai e o Corixa Grande, já na fronteira com a Bolívia. Há registro dos Bororo também em território boliviano contíguo, nas proximidades de San Matias (MIGLIACIO, 2006, p. 52).

Há poucas informações disponíveis sobre os Bororo Ocidentais, principalmente no século XVI. Sua migração para a região do Alto Paraguai aconteceu em tempos pré-coloniais, acompanhando ondas migratórias motivadas por contatos interétnicos, situação recorrente em toda a América do sul. Nos séculos seguintes, “foram alcançados pela colonização portuguesa, registrando-se, até as primeiras décadas do século XIX, massacres cometidos contra eles” (MIGLIACIO, 2006, p. 52), sendo submetidos posteriormente ao trabalho nas fazendas de gado implantadas na região. Já no século XX são considerados “destribalizados”, vivendo à margem da sociedade, sem terras demarcadas (MIGLIACIO, 2006).

A escassez de dados referente aos Bororo Ocidentais no século XVI torna difícil analisar aspectos de sua cultura. Contudo, podemos considerar que esse povo manteve poucos contatos com os espanhóis no século XVI, apresentava *ethos* guerreiro e manteve relações hostis com os Xarayes, formando alianças posteriormente com os Guaikuru e Payaguá, que gerou empecilhos para os espanhóis e às bandeiras paulistas no século XVII (ZAGO, 2005). Passemos à família Guató.

FAMÍLIA GUATÓ

A respeito da língua Guató, devemos observar que

Apesar de estar filiada diretamente ao tronco Macro-Jê, a língua Guató não pertence, ao menos segundo consta na literatura analisada, a nenhuma família lingüística a ele relacionada, inclusive a família Jê. Esta situação por certo é fruto da ausência de maiores estudos sobre o parentesco das línguas indígenas no Brasil. Entretanto, levando em conta as propostas apresentadas por Montserrat (1994), acredito que a língua Guató pode ser alternativamente considerada como uma família lingüística de um só membro, pertencendo ao tronco Macro-Jê (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 268).

Considerando alternativa correta de vincular um só membro, a língua Guató, a uma família lingüística também única, pertencente a um tronco maior, o Macro-Jê, observamos a complexidade de tal língua e sua importância como “um dinâmico e eficaz mecanismo de manutenção da identidade étnica e auto-constituição da realidade social” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 270).

Sobre a etno-história dessa etnia, segundo Branislava Susnik (1978)

A todo parecer, los Guatós constituyen un grupo étnico de los antiguos *protopobladores* mato-grossenses, con gran tendencia hacia la pesca canoera a diferencia de los cazadores-pescadores-reolectores de tierra firme; los desplazamientos de los primeros protoneolíticos amazónicos los empujaron hacia la zona, donde se encontraron en el siglo XVI (SUSNIK, 1978, p. 19-20).

Devemos considerar ainda que “em el area mattogrossense vivían poblaciones racialmente lágidas y pámpidas – como los Bororó por ejemplo – originándose frecuentes variantes del subtipo básico, debido a los habituales mestizamientos interétnicos” (SUSNIK, 1978 p. 20). Supomos assim os intensos contatos interétnicos não foram exclusividade da região do Pantanal, e que as tribos que lá chegaram em tempos pré-coloniais já haviam até mesmo modificado seus costumes e realizado deslocamentos em decorrência de tais contatos.

Sobre os assentamentos dos Guató, devemos considerar que

De acordo com os próprios Guató, eles possuem três tipos básicos de assentamentos, segundo sua localização na paisagem, sendo todos relacionados a áreas ecológicas próximas a cursos d'água: “aterro” ou *marrabóro*, “beira de rio” ou *modidjécum* e “beira de morraria” ou *macáirapó*⁹.

A ocupação desses assentamentos está diretamente relacionada, ao menos, a três fatores cultural e ecologicamente importantes para a subsistência desse grupo essencialmente canoeiro: 1º) sazonalidade (períodos de seca e cheia); 2º) forma de organização social (famílias autônomas); 3º) grande mobilidade espacial (fluvial) (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996a, p. 106-107).

Os dados apresentados indicam que a sazonalidade do ambiente e a forma de organização social dos Guató influíram diretamente no local e na constituição de suas habitações. Sendo assim “fica evidente que esses índios canoieiros possuíam, ao menos, dois tipos de assentamentos relacionados à sazonalidade do ambiente: 1º) nas margens dos rios durante a seca; 2º) em outras áreas protegidas das inundações, durante a cheia” (EREMITES DE OLIVEIRA 1996a, p. 109). Em Jorge Eremites de Oliveira (1996a) há uma análise sobre a cultura material dos Guató, o que não será abordado no trabalho por não consistir em objetivo central.

⁹ Devido a problemas relacionados com a qualidade da gravação dos relatos, talvez a palavra *modidjécum* esteja com erro de grafia. Outras palavras transcritas acrescidas de ponto-de-interrogação, também indicam que a grafia pode estar incorreta em função do mesmo motivo. A tradução das palavras em Guató foi feita pelos próprios informantes (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996a, p. 106-107).

Apesar de ficar clara a necessidade de sucessivos deslocamentos para o estabelecimento dos assentamentos, devemos considerar que “havia, porém, uma relativa estabilidade das residências sazonais em resposta à variabilidade ambiental, características do *ethos* canoieiros de muitos povos, o que demonstra a existência de complexos padrões de mobilidade e assentamento” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 249). Como assinalado acima, essa característica se aplica não só aos Guatós, mas também a outros povos canoieiros-pescadores do Pantanal, como os Guaxarapos.

Com as ondas migratórias chegadas ao Pantanal em períodos pré-coloniais, “los inmigrantes neolíticos altoparaguayenses han difundido la práctica del cultivo, sabiendo también los protopobladores canoeros-pescadores apreciar este nuevo recurso subsistencial” (SUSNIK, 1978, p. 17). Tal prática se deu em montículos, dos quais alguns foram escavados durante o *Projeto Corumbá*, comentado no primeiro capítulo.

Seguindo a interpretação dos autores, identificamos uma clara dinâmica de contatos interétnicos, gerando conflitos e deslocamentos pela região, como já fora assinalado anteriormente.

Para finalizar a análise referente os Guató do século XVI, devemos atentar para que

Hacia los fines del siglo XVI se iniciaron ya los paulatinos desplazamientos de los “Orejones” hacia la orilla oriental del R. Paraguay; los Guatós aprovecharon esta circunstancia, abriendo la lucha con los monticulares “Matsubehe” de las lagunas Gaíba y Uberaba; no se trataba de una disputa por el predominio étnico-geográfico, sino de una posesión y explotación exclusiva de los montículos para el cultivo de la pal “acurí” primero y de bananas luego. Cuando los Coroádos-Bororó perseguían a los sobrevivientes Orejones, volviéronse vecinos inmediatos de los Guatós del R. Caracará y de la desembocadura del R. S. Lorenzo en el R. Paraguay. Los Guatós no cambiaron su módulo subsistencial; el hombre buscaba si prestigio matando algún tigre, conservando su cráneo-trofeo, y reforzaba su poder socioeconómico mediante la poligamia (SUSNIK, 1978, p. 20).

A descrição realizada pela autora nos possibilita captar alguns aspectos importantes sobre os Guatós do século XVI. Em primeiro lugar dá-nos uma boa dimensão dos contatos interétnicos nos quais estavam inseridos, ajudando a entender mais uma vez a dinâmica de ocupação e deslocamentos na região. Observamos também uma modificação no seu modo de organização social, causada, sobretudo, pelos contatos com os “Matsubehe” e Bororo migrados para a região, em uma situação já analisada anteriormente, que consistiu no começo do cultivo em montículos. Pode-se considerar ainda a importância social relegada à caça (da onça, e não



do tigre como apresentado no texto), e o papel do homem como guerreiro, fazendo com que a mulher se ocupe, principalmente, do trato doméstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a investigação acima realizada, percebemos como diferentes ondas migratórias pré-coloniais, de povos pescadores-caçadores-coletores e agricultores, formaram um diversificado mosaico cultural na região do Alto Paraguai, em pleno desenvolvimento socioambiental quando da chegada dos europeus à região. A chegada destes em muito modificou a paisagem do Alto Paraguai e a intensa dinâmica intercultural então ali existente, principalmente no tocante à demografia, com o drástico declínio populacional decorrente de epidemias, e à desterritorialização, com o crescente interesse, primeiro na mão de obra e redução dos indígenas, posteriormente nas suas terras.

Dentro da perspectiva de ocupação do Alto Paraguai, no período colonial, os povos vinculados às famílias Arawak e Guaraní se estabeleceram preferencialmente nas terras altas no Pantanal do século XVI (serras, morros isolados, terraços fluviais, etc.), enquanto os povos canoieiros, a exemplo dos Guató e Payaguás ocuparam principalmente as regiões alagáveis, ou terras baixas (EREMITES DE OLIVEIRA, 2014a).

Em relação às terras altas, nas quais se destacam no Pantanal os planaltos residuais do Urucum e Amolar, devemos considerar que “estão protegidas das cheias periódicas e possuem grandes espaços favoráveis ao cultivo” (EREMITES DE OLIVEIRA & VIANA, 1999, p. 178). Já as terras baixas, entre elas as lagoas Gaíba, Uberaba e Mandioré, representam a maior parte do Pantanal, sendo propícias aos povos canoieiros, por estarem diretamente ligadas ao pulso de inundação marcante da região (EREMITES DE OLIVEIRA & VIANA, 1999). Tais informações corroboram com a dinâmica de ocupação apresentada no parágrafo anterior.

Dos povos relacionados durante o capítulo, os “Orejones”, Xaray, Chiquito, Guaxarapo, Payaguá, e Chamacoco, além das parcialidades Itatim e Guarambarenses, foram extintos ou sofreram total assimilação por outros povos. Os Mbayá-Guaikuru e os Layana não existem mais como tal, deram origem nos séculos subsequentes aos Kadiwéu (Mbayá-Guaikuru) que ocupam hoje a serra de Maracaju e aos Kinikinau e Terena (também aos Echoloadi, uma ramificação existente até o século XIX) (Layana), que ocupam hoje também a serra de Maracaju e os municípios de Miranda, Aquidauana e Sidrolândia no Mato Grosso do Sul, respectivamente.



Buscamos assim compreender durante o capítulo a grande sociodiversidade étnica, linguística cultural existente entre os povos indígenas no Pantanal do século XVI, e como a chegada dos europeus em muito alterou o mosaico cultural ali existente. Passaremos agora à investigação sobre as expedições e tentativas de conquista da região do Pantanal no século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBÈS, Isabelle. *Diccionario étnico: Santa Cruz de la Vieja y su entorno em el siglo XVI*. Instituto de Misionología: Editorial Itinerarios, 2010.
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. 1995. 210 f. Dissertação (Mestrado em História/Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [1995].
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. 2002. 470 f. Tese (Doutorado em História/Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [2002].
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Os milenares. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, v. 100, p. 21-25, 2014.
- MELLATI, Júlio Cesar dos Santos. Áreas Etnográficas da América Indígenas (Online). Disponível em www.juliomelatti.pro.br/areas/00areas.htm. Cap. 34.
- MIGLIACCIO, Maria Clara. O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, 2006.
- MONTEIRO, John M. . Os Guarani e a História do Brasil Meridional, Séculos XVI-XVII. In: Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *História dos Índios no Brasil*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, v. , p. 475-498
- SUSNIK, Branislava. *Etnologia del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1978.
- SUSNIK, Branislava. *Etnohistoria de los Guaranies*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1979-1980.
- Urban, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In Carneiro da Cunha, Manuela, *História dos Índios no Brasil*, p. 87-102. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- XIMENES, Lenir Gomes. As relações dos índios Terena na bacia platina: imposições e alternativas. *Revista eletrônica história em reflexão (UFGD)*, v. 3, p. 1-15, 2009.
- ZAGO, Lisandra. *Etnohistória Bororo: contatos, alianças e conflitos (séculos XVIII e XIX)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.